

ARTIGOS

Olimpíadas de filosofia do estado de sp: práticas colaborativas do ensino-aprendizagem filosófico¹

Patrícia Del Nero Velasco²

Resumo

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre as primeiras edições das Olimpíadas de Filosofia do Estado de SP, sediadas na Universidade Federal do ABC. Além de pretender-se um registro das experiências com o movimento olímpico, este texto busca estabelecer relações entre os objetivos das Olimpíadas paulistas e os sentidos do ensino-aprendizagem da Filosofia na Educação Básica. Defender-se-á a prática filosófica colaborativa como contribuição formativa imprescindível.

Palavras-chave: Olimpíadas. Filosofia. Educação Básica.

Introdução

Há exatos vinte anos ocorria a primeira edição da Olimpíada Internacional de Filosofia (IPO), na Bulgária, com a participação de apenas três países. A 21ª IPO, sediada na Dinamarca, em 2013, envolveu estudantes de 44 países (cf. <http://www.philosophy-olympiad.org/>). No Brasil, o pioneirismo em sediar o evento é atribuído ao Rio Grande do Sul, estado que em 2008 organizou a primeira Olimpíada regional e, em 2011, recebeu a II Olimpíada Latino-americana de Filosofia.

As Olimpíadas regionais realizadas no Brasil diferem radicalmente das internacionais. Enquanto estas têm caráter competitivo, aquelas visam prioritariamente criar um espaço de integração, criação e diálogo filosóficos. Na Convocatória da VI Olimpíada de Filosofia do Rio Grande do Sul (Disponível em: <http://www.olimpiadafilosofia.org/1a-Convocatoria-VI-Olimp-de-Fil-do-RS-2013-Rev-1.pdf>. Acesso em 23 ago. 2013), lê-se:

Com um espírito de acolhimento das diferenças, as Olimpíadas de Filosofia pretendem convocar estudantes para um exercício de investigação solidária, em um clima que pretende ser não de competição, mas de colaboração e de estímulo para o pensamento. Cultivando o espírito olímpico de superação de si mesmo, em um

¹Parte dos conteúdos deste artigo foi apresentada no I Colóquio Nacional do Ensino de Filosofia: o que queremos do filosofar na Educação Básica? (Salvador, dezembro de 2011) e posteriormente publicada no site da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia com o título “Olimpíadas de Filosofia do Estado de SP: encenando o filosofar na Educação Básica” (Disponível em: <http://www.anpof.org.br/spip.php?article166> . Acesso em: 25 ago. 2013).

²Professora da Universidade Federal do ABC - UFABC. E-mail: patricia.velasco@ufabc.edu.br

movimento de cooperação que pretende favorecer o crescimento de todos, as Olimpíadas de Filosofia consistem em atividades de diálogo filosófico, apresentações artístico-filosóficas e produções textuais [...].

A ideia de trabalho colaborativo fundamenta as atividades das Olimpíadas do Estado de SP, as quais têm como objetivos: (1) a promoção da integração entre as escolas, os estudantes e os professores participantes, bem como entre a Escola e a Universidade; (2) a congregação dos interesses de alunos e professores de Filosofia do Estado de São Paulo (carentes de iniciativas deste gênero), criando um espaço de troca de experiências e perspectivas sobre o Ensino de Filosofia; (3) o estímulo do espírito crítico, dialógico e respeitoso entre os participantes, propiciando a estes vivenciar o questionamento, a investigação e a criação de novas possibilidades de pensar através da prática coletiva de fazer Filosofia; (4) o incentivo da participação dos discentes da Educação Básica como agentes criadores e responsáveis pelas atividades; (5) a colaboração com os objetivos do Ministério da Educação ao introduzir a Filosofia como disciplina obrigatória no Ensino Médio.

O presente artigo tem como propósito apresentar as experiências com as Olimpíadas de Filosofia do Estado de SP, bem como refletir sobre as contribuições destas com o que se vislumbra para a Filosofia na Educação Básica.

Desenvolvimento

Sediadas na Universidade Federal do ABC, na Grande São Paulo, as Olimpíadas paulistas consistem em atividades que têm início nas escolas das redes pública e privada e terminam com uma confraternização em evento estadual. Durante o ano letivo, os professores de Filosofia inserem a temática geral do evento como parte dos conteúdos programáticos da disciplina, investigando-a e refletindo-a filosoficamente com seus alunos. As atividades didáticas devem incluir a criação de uma apresentação em formato livre: teatro, comunicação oral, poesia, pôster, vídeo, fotografia, desenho e música foram alguns dos trabalhos criados nesta fase para as edições paulistas. “O mundo é admirável? O que nos torna plenamente humanos?” foi o tema que norteou os trabalhos em 2011; no ano seguinte a temática que subsidiou as atividades foi “Qual o custo social do progresso?”. Na terceira edição, em 2013, discutir-se-á “Que conhecimento é possível na era das incertezas?”. Procurou-se nestas primeiras edições acompanhar o tema geral das Olimpíadas do Rio Grande do Sul e da América Latina.

No dia do evento ocorre a segunda e última fase das Olimpíadas. Trata-se do momento de apresentação dos trabalhos produzidos em sala de aula no decorrer do ano. Nesta data, espera-se propiciar aos participantes (alunos, professores, coordenadores, diretores e demais interessados) a oportunidade do diálogo investigativo, da reflexão conjunta sobre a temática abordada em cada edição. Neste sentido, após o primeiro momento de exposição dos

trabalhos, promovem-se comunidades de investigação: mediados por professores e tendo como base as produções textuais desenvolvidas nas escolas, os estudantes dos ensinos fundamental e médio aprofundam as reflexões iniciadas em sala de aula, trocam experiências, contrapõem realidades diferentes, problematizam, constroem conceitos e argumentos, buscam fundamentar suas ideias e, não raro, reveem seus pontos de vistas.

A I Olimpíada do Estado de São Paulo, realizada em Santo André, reuniu um pouco mais de 400 pessoas: aproximadamente 350 alunos; 35 professores; alguns coordenadores e diretores; e outros tantos pais e mães dos estudantes. Escolas de vinte municípios do Estado de SP se inscreveram: Amparo, Arapeí, Artur Nogueira, Bananal, Bauru, Campinas, Cunha, Guarulhos, Irapuã, Limeira, Mogi das Cruzes, Mogi Guaçu, Paraisópolis, Pilar do Sul, Rio Claro, Santo André, Santos, São Bernardo do Campo, São Paulo e Ubatuba.



Figura 1. Encenação na I Olimpíada de Filosofia do Estado de São Paulo.

A segunda edição, realizada em São Bernardo do Campo, contou com um número menor de participantes, reunindo 191 alunos e 19 professores de 15 escolas diferentes, além de professores e alunos de Filosofia da própria UFABC e demais convidados, totalizando cerca de 230 pessoas. O número de escolas participantes sediadas na Grande São Paulo foi significativamente maior, fato atribuído em grande parte à dificuldade e ao custo do deslocamento de professores e alunos de cidades mais distantes (As Olimpíadas não contam com o auxílio da Secretaria de Educação).



Figura 2. Comunidade de Investigação na II Olimpíada de Filosofia do Estado de São Paulo.

Informações, fotos, vídeos e demais produções da III Olimpíada de Filosofia do Estado de SP (não realizada até o fechamento deste texto) poderão ser obtidas no seguinte

endereço eletrônico: <http://olimpiadadefilosofiasp.wordpress.com/>. Neste constam também materiais das duas primeiras edições paulistas.

Resultados

Um primeiro resultado notório das Olimpíadas de Filosofia do Estado de SP diz respeito à valorização da disciplina Filosofia nas escolas participantes. Os professores envolvidos no movimento olímpico relataram que por conta das apresentações no evento regional, as atividades filosóficas ao longo de todo o ano letivo gozaram de um interesse maior por parte dos alunos. Estes passaram a valorar a disciplina diferentemente de outros anos, quando a importância atribuída às aulas de Filosofia era pouca. A seriedade e a estima demonstradas pelos alunos surpreenderam os professores inscritos no evento.

O interesse pela Filosofia nas escolas foi demonstrado também por alunos de outras séries não participantes, bem como por coordenadores e diretores das escolas. O fato do evento estadual de ter sido sediado por uma universidade parece ter contribuído para aguçar as atenções sobre esse: foi necessário que o Ensino Superior abrisse as portas à Educação Básica para que esta, em alguma medida, se sentisse prestigiada. Nesta perspectiva, a pretendida integração entre a Escola e a Universidade deu sinais de ter sido alcançada. Crianças e adolescentes mostravam-se orgulhosos por apresentarem trabalhos em uma instituição de ensino superior, sendo observados por olhares perplexos de alunos, professores e dirigentes da UFABC.

Igualmente visível foi a integração entre escolas, estudantes e professores. Ao agregar escolas de diferentes regiões de SP, as Olimpíadas criaram um espaço de rica troca de experiências. As metodologias foram as mais diversas; os formatos dos trabalhos compartilhados foram bastante diferentes; a percepção de que o mesmo tema geral poderia ser abordado sob inúmeras perspectivas incitou variadas reflexões.

O espaço supramencionado propiciado pelo evento possibilitou a vivência do questionamento, do diálogo investigativo, da crítica, da problematização, da conceituação, da argumentação. Um filosofar sobre as questões norteadoras das Olimpíadas e, igualmente, sobre o próprio ensinar Filosofia. Tal qual no relato de Mauricio Langon Cuñaro (2007, p. 158) acerca das Olimpíadas uruguaias, “tem-se em vista também uma *transformação educativa* que se responsabilize do pensar por si mesmo, da complexidade do real, da *filosofização* de toda a educação, a começar pela filosofização do ensino da própria filosofia”.

Professores tiveram a oportunidade de pensar a sua própria prática, foram, como diria Gelamo (2009, p. 29): “problematizado[s] pela contingência de seu próprio presente e pelo fazer filosófico em seu dever de ofício: ser professor”. Imprescindível movimento, segundo Gallo e Kohan (2000, p. 182-183):

O professor que não se assume como filósofo não tem a menor chance de ensinar filosofia, assim como o professor que não se reconhece como pesquisador não

poderá fazer outra coisa do que reproduzir aquilo que outros pensaram, uma marca da antifilosofia.

Alunos, por sua vez, ficaram entusiasmados por serem ouvidos. E por a eles ter sido atribuído o protagonismo da cena. A primazia dada aos estudantes transpareceu na condução das apresentações, nas intervenções nas comunidades de investigação, na ausência de palestras ou comunicações de professores-especialistas. Passaram de expectadores a atores e diretores da encenação. Encenação de suas próprias criações filosóficas.

As experiências vivenciadas nas (e com as) Olimpíadas paulistas permite-nos afirmar que estas últimas oferecem valiosa contribuição para os objetivos da Filosofia como disciplina escolar. Para além (e conjuntamente) das competências e habilidades e da formação para a cidadania a serem desenvolvidas pela Filosofia segundo os dispositivos legais, interessa ao presente artigo o valor formativo da Filosofia amplamente discutido em textos da área. Dentre os significados e as direções para a Filosofia na escola, pode-se dizer que esta desenvolve as capacidades de análise, de leitura e de abstração; aguça o sentido do questionamento e do problemático; alarga as técnicas de argumentação e conduz ao desenvolvimento do raciocínio; abre para uma interrogação conceitual (clarificando os conceitos) e uma reflexão racional; instaura uma distância crítica e convida a um regresso reflexivo sobre si e sobre as condições de possibilidade de um pensamento; contribui para o processo de desnaturalização de valores, ideias, fatos, teorias; tem a tarefa de elucidação da nossa relação com o mundo, recolocando as questões de fundo³ para serem discutidas; atenta ao pensamento próprio e ao pensamento do outro, colaborando para a autonomia intelectual e, igualmente, para a alteridade.

Embora nas Olimpíadas de Filosofia do Estado de SP não acompanhe o processo essencial de reflexão e produção filosóficas nas escolas participantes, as criações apresentadas no evento estadual constituem um forte indício de que o ensino-aprendizagem da Filosofia foi efetivamente filosófico e coletivo. Esta dimensão pública do filosofar está igualmente presente nas atividades desenvolvidas no encontro anual, norteando-o. Subjaz às comunidades de investigação propostas nas Olimpíadas a ideia de que:

A filosofia não é uma questão privada, ela se constrói no diálogo. Ensinar significa retirar a filosofia do mundo privado e exclusivo de uns poucos para colocá-la aos olhos de todos, na construção coletiva de um espaço público. Por certo, em última instância, cada um escolherá se filosofa ou não, mas deve saber que pode fazê-lo, que não é um mistério insondável que apenas alguns atesouram (CERLETTI, 2009, p. 09; 87).

À guisa de conclusão, pergunta-se: não é esse o propósito geral que orienta nossos anseios com a Filosofia na Educação Básica? Nas palavras de Gallo (2012, p. 83), “Dar a

³Segundo Lorieri (2002, p. 53-56), questões de fundo são aquelas suscitadas por “temáticas essencialmente filosóficas, [como] O que é ser pessoa no mundo e com o mundo? [...] O que é real? [...] Como as ideias estão em nossa consciência? [...] Por que dizemos que algo é belo ou feio?”, entre inúmeras outras.

oportunidade assim, a cada um, da experimentação do pensamento no seu registro filosófico”? A proposta das Olimpíadas, desta forma, corrobora e alimenta a própria proposta educativa do filosofar na escola:

Crianças e jovens, enquanto pessoas, põem-se questões próprias do âmbito da investigação filosófica; deparam-se e são “envolvidos” culturalmente com “respostas” a tais questões e têm o direito de ser iniciados no trato com elas e no processo de avaliação crítica das respostas. [...] A proposta é a de aproveitar esse interesse presente nas crianças e jovens, para envolvê-los em um processo de investigação que pode ser verdadeira iniciação filosófica, educativa por si mesma (LORIERI, 2002, p. 41-42).

**SUBMETIDO EM AGOSTO DE 2013.
APROVADO PARA PUBLICAÇÃO EM MARÇO DE 2014.**

REFERÊNCIAS

CERLETTI, A. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. (Ensino de Filosofia)

CUÑARO, M. L. Olimpíadas Filosóficas Uruguaias: Uma Experiência que Deve Ser Considerada. In: SARDI, S. A.; SOUZA, D. G.; CARBONARA, V. (Org.) **Filosofia e Sociedade**: perspectivas para o ensino da filosofia. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2007, p. 157-166.

GALLO, S. **Metodologia do ensino de filosofia**: uma didática para o ensino médio. Campinas, SP: Papirus, 2012.

GALLO, S.; KOHAN, W. Crítica de alguns lugares comuns ao se pensar a Filosofia no ensino médio. In: KOHAN, Walter O. (Org.). **Filosofia no ensino médio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GELAMO, R. P. **O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade**: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia? São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

LORIERI, M. A. **Filosofia. fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência em Formação)